

“Tudo dominado”...¹

*Jarbas Passarinho**

Corre, em tradição oral, que certa feita Rui Barbosa tranqüilizou um patriota preocupadíssimo com a corrupção e a indignidade dos homens públicos, que estariam levando o país a uma crise fatal. Rui teria serenamente respondido: “O Brasil é maior que qualquer crise.” Castello Branco, em situação semelhante, disse a um coronel adido militar na França, que viera ao Brasil, com permissão concedida pelo ministro da Guerra, falar sobre a crise da eleição dos oposicionistas Negrão de Lima, no Rio de Janeiro, e Israel Pinheiro, em Minas: “Preocupe-se, mas não muito.”

As crises tiveram, porém, seus efeitos deletérios. Castello obrigou-se a editar o AI-2, para assegurar a posse dos governadores de oposição, sobre quem me diria mais tarde o Presidente Costa e Silva que se dava melhor com ambos do que com os que haviam sido eleitos indiretamente. Rui entrou em depressão cívica, de que ficou famosa a sua profunda desilusão. Dele cita-se hoje o final de sua oração de desesperança que diz, em parte: “De tanto ver prosperar a desonra, o homem chega a desanimar da virtude e ter vergonha de ser honesto.”

Assalta-me a incidência das crises, uma constante em nossa história política, conquan-

to se saiba que o primeiro conceito de Rui nos fortalece a esperança, ao afirmar que o Brasil se sobrepõe a qualquer das crises. No momento, ou melhor, há alguns anos, a palavra de esperança ajuda as nossas vacilações, mesmo quando é preciso pensar em Abraão, que “esperou contra a esperança” mas chegou a ser pai, aos 90 anos de idade, de filho de sua mulher até então estéril, o que nos alenta viver no Brasil de hoje (e do passado recente) em que os bandidos cunharam a expressão “está tudo dominado”, ao coroar seus objetivos de facínoras.

Chega-se a pensar na inutilidade dos protestos da reiteração de críticas inúteis, quando se tem notícia ampla de crimes que nos revoltam, e impunes ficam, praticados contra a honra por membros importantes do Executivo, do Legislativo e do Judiciário e, finalmente, do patronato brasileiro que maculou o vocábulo empreiteiro, disso e daquilo, seja para furtar bebês das maternidades, seja para ser a peça mestra das propinas para compra de votos de parlamentares. Já se disse – e com razão – que os escândalos mais novos apagam o efeito deletério dos passados.

No preâmbulo da oração de Rui está a revolta embutida: “Tenho vergonha de mim mesmo, pela passividade de ouvir desculpas e floreios para justificar atos criminosos e da minha impotência, das minhas desilusões e do meu

¹ Da Imprensa.

* O autor é coronel, foi ministro e senador.

cansaço." De fato, cansa-se de tudo. Da inutilidade de mostrar os crimes contra a propriedade, sob aplauso dos religiosos e financiamento da União e do exterior. Da omissão vergonhosa do Estado imitando Pilatos. Os verdadeiros proprietários deixando-se seduzir pela violência para se oporem às invasões – chamadas por religiosos coniventes de "ocupação" –, enquanto os grileiros expulsam os posseiros. Entrementes, os cadáveres acumulam-se regando as terras com seu sangue, impassível o Estado.

Quando juízes, e até ministros de tribunal superior, vendem sentenças benéficas até a traficantes de drogas, Rui volta a dizer ter vergonha de si mesmo "por ter trabalhado sempre pela justiça". Quando se vêem e ouvem, televisionados, diálogos gravados e comprometedo-

res (de parlamentares entre eles), negados pelos corruptos, Rui volta a ter vergonha de si mesmo "por ter compactuado com a honestidade e educado parte do nosso povo". Quando "empreiteiros" corrompem os corruptíveis do Executivo, ex-governadores, secretários de governo, presidente de banco estatal, superintendentes do Ibama e diretor do Tesouro Nacional, mediante propinas vultosas, volta Rui a dizer ter vergonha de si mesmo "por entregar aos meus filhos, simples e abominavelmente, a derrota das virtudes pelos vícios".

Rui, desalentado, confessou seu cansaço. Um século nos permitiu crescer a despeito dos desonestos. A frase popular será verdade: "Os ladrões nos roubam de dia, mas o Brasil cresce à noite"? Ou "está tudo dominado"? ☉

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício



BRASIL-FRANÇA, relações históricas no período colonial

Vasco Mariz (organizador)

As relações entre luso-brasileiros e franceses no período colonial comentadas por 12 autores numa só obra.

O leitor conhecerá a influência da cultura francesa nas diferentes regiões da colônia portuguesa na América do Sul.